

A LEITURA: REVELAÇÃO E CONFRONTAÇÃO

A obra literária — síntese integral da existência humana na linguagem — possui níveis de expressão e de significado. O leitor se coloca ante ela em uma situação de deciframento recíproco. São dois universos pessoais frente a frente, em uma relação que procura dilucidar o sentido mútuo vazado da totalidade de uma cultura histórica. O leitor extrai da literatura um sentido que elabora a partir de sua própria visão do mundo e, a partir deste sentido, em sua confrontação sempre inacabada, sua consciência se nutre a si mesma através dos demais. Nesta aventura, por sua vez comum e íntima, da partida à chegada, o que encontram invariavelmente o escritor e o leitor é uma subjetividade plena e inteira, em pleno exercício. Ler é responder às perguntas e questões propostas pelo escritor. A coerência da leitura como a da criação literária — não é única e nem essencialmente de ordem intelectual, mas, antes de tudo, existencial. O escritor — ou escritora — é uma pessoa que se encontra ao encontrar sua linguagem. O leitor — ou leitora — é uma pessoa que se encontra ao encontrar a linguagem do escritor — ou escritora —. Trata-se, em suma, de uma comunicação de uma pessoa com outra, tanto através de um saber como de um mundo real ou imaginário. Como? Por quê? Na medida em que a obra é uma experiência radical, converte-se para o leitor em uma imagem de sua própria condição, em uma forma de compreensão de si mesmo e do homem em geral, em passado, em presente e projetando-se para o futuro. Porque — como disse Hegel — a história do pensamento está sempre em presente: a obra literária perene apela — para ser tudo o que é — a cada momento da História. Está fechada, sim, porém se possui certo grau de rigor e de profundidade, e é uma totalização vivente de uma experiência concreta tanto como uma permanente acolhida a outras experiências possíveis, a verdadeira obra literária — a obra mestra — não deve passar nem esgotar-se nunca. O leitor de cada época a compreenderá a partir desta e a partir de si mesmo, abrindo uma nova via, um novo ponto de vista, dentro de uma inesgotável compreensão total: de um novo estilo, de um momento dado da História e da existência humana, porém, apontando sempre ao inexaurível sentido do destino humano.

A obra literária só consegue existência plena quando seu sentido é desvelado pelo leitor. Este, através dela, descobre seus próprios complexos e assume sua catarse. Ainda mais: é uma confrontação ótima e recíproca que começa com sua leitura. Se a literatura — como toda expressão do homem — leva impressa a marca de suas alienações históricas, a obra autêntica sempre logra transcendê-las. O leitor está, com referência à obra literária, não em relação de exterioridade, senão interna, íntima. Autor e leitor estão comprometidos em uma empresa recíproca. A reciprocidade de fins exige a reciprocidade de meios. A atividade do leitor não é menos autônoma e, igualmente, não menos criadora de sentido.

A obra mestra é uma criatura viva, um organismo, portanto, inacabado, fazendo-se ainda no espírito de cada época, de cada leitor. Seu sentido não se fecha nem termina nunca: irradia-se perpetuamente em infinitas significações. Existe — é óbvio — uma verdade de relação entre o homem e o mundo, entre o homem e a obra literária, é necessário, porém, reconhecer que toda interpretação é parcial, embora pretenda ser definitiva. Porque não se trata de baseá-la sobre um sabor cumulativo e impessoal. Não se trata tampouco de um conhecimento particular, senão de **praxis**: funda-se na existência do leitor. Se este é inteligente, não se situa diante da obra literária como diante da plenitude de um objeto que é ou tenha sido. A obra tem que ser ele mesmo: ele a faz ser. Seu sentido não é uma possibilidade morta, inscrita de uma vez por todas nas coisas: é uma possibilidade prisioneira de um conjunto de signos que o leitor libera e anima, não a título de uma significação que abarca um aspecto do mundo ou um momento da História objetivos, senão que o abarca, o inclui, porque é **sua**. Quer dizer **nossa**: de **todos**. Cada leitura — por pouco profunda que seja — decifra para confrontar: o mesmo que todo ato que põe em jogo nossas relações fundamentais com o **outro**, além da dilucidação de signos, é afirmação de valores. Toda obra literária, — enquanto nos propõe uma visão da existência — é, desde o mais profundo dela mesma, uma chamada a nossa adesão. E nós somos livres de concordar com ela ou não, em admiração ou em repulsa, em entusiasmo ou em tibieza, em amor ou desprezo. (Se Machado ou Brás Cubas nos julgam, nós também os julgamos: homem a homem, na medida em que cada homem é juiz de todo homem.)

A obra verdadeira, por outro lado, exige uma obrigação ética: responder a sua chamada. Sonhar ser um cristal, um espelho ou uma lupa sem mancha é, para o leitor, uma negação de si mesmo que destrói a essência mesma da comunicação literária-espiritual-mental-vivencial. Quando lemos, é impossível

uma neutralidade vazia. A revelação da pessoa deve ser total e franca. Se qualquer obra literária tem que ser e ir além do real até um humano possível — o leitor —, faz perceber seu sentido quando, além do que é, compromete-se todo inteiro assumindo o que **deve ser**. O **sentido global** brota de inúmeráveis significações que tendem a desvelar uma visão do mundo, emanada de uma busca não teórica, porém que vai até o fundo de nosso próprio ser, chegando às raízes de nossa vida e às profundezas de nosso pensamento. Temos de reconhecer o sentido profundo de uma experiência que nos inclui, para dizer **sim** ou **não** à obra que lemos, **vivendo-a**. Só neste momento concreto vamos além de sua ingênua ambigüidade obscurecedora e assumimos uma certeza e uma convicção.

O escritor, em sua obra, fala do homem aos homens. Estes devem responder-lhe a partir do que são: a partir de suas existências. Em qualquer obra mestra literária há um enraizamento subjetivo radical e uma exigência de universalidade permanente.

Diz-se que os brasileiros lêem pouco ou não lêem. Só porque o livro é caro, objeto quase de luxo? Por que não há biblioteca em cada esquina? Por simples preguiça mental? Por não querer confrontar-se com as idéias e realidades profundas que afloram dos livros? Ou por medo a que se lhes revele um **eu** inferior ao que se imaginam e no qual querem crer egolátrica e absolutamente?

Concha Zardoya

Jornal ABC — Prensa Espanhola

Madri, 02/07/81

Tradução e adaptação:

Alice Therezinha Campos Moreira